



ENTRE MUROS E ATOS: O MAPEAMENTO DE DRAMATURGIAS BRASILEIRAS PARA FISSURAR O CÁRCERE

***BETWEEN WALLS AND ACTS: THE MAPPING OF BRAZILIAN
DRAMATURGIES TO FRACTURE THE CARCERAL SYSTEM***

***ENTRE MUROS Y ACTOS: EL MAPEO DE DRAMATURGIAS
BRASILEÑAS PARA FISURAR LA CÁRCEL***

Pietra Bonet
Ianna Nogueira
Caroline Vetori

Pietra Bonet

Atriz, professora e pesquisadora, graduada em Licenciatura em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná/Universidade Estadual do Paraná (FAP/UNESPAR). Pesquisa teatro-prisão e encontra na arte formas de subverter a lógica punitivista.
E-mail: pietravbonet@gmail.com

Ianna Nogueira

Atriz, Iluminadora Cênica e Pesquisadora. É Licencianda em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná/Universidade Estadual do Paraná (FAP/UNESPAR) desde 2022. Atualmente, é Bolsista de Iniciação Científica com o projeto de pesquisa "Vozes que ecoam além (e contra) o cárcere: mapeamento dramaturgico".
E-mail: nogueiraianna@hotmail.com

Caroline Vetori

Professora-artista-pesquisadora com os pés embrenhados nos territórios teatrais e comunitários. Professora adjunta no curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná/Universidade Estadual do Paraná (FAP/UNESPAR). Doutora em Artes Cênicas pela UDESC.
E-mail: caroline.souza@ies.unespar.edu.br

Resumo

Este trabalho pesquisa as intersecções entre teatro e cárcere e busca, fazendo a análise de quatro diferentes dramaturgias brasileiras, encontrar formas de fissurar os muros do cárcere por meio da arte. O artigo também propõe o uso do teatro como prática libertadora a partir do conceito de ficção visionária, de Walidah Imarisha. Investiga-se, a partir de análises bibliográficas, o uso da palavra como arma potente que estilhaça o sistema de (in)justiça e encontra novas possibilidades de mundos.

Palavras-chave: abolicionismo prisional, cárcere, ficção visionária, teatro.

Abstract

This study examines the intersections of theater and incarceration to find ways to fracture the walls of the carceral regime via art by analyzing four Brazilian dramaturgies. It also proposes using theater as a liberating practice, drawing on Walidah Imarisha's concept of visionary fiction. It investigates, via a bibliographic analysis, the use of the word as a potent weapon that shatters the system of (in)justice and finds new possibilities of worlds.

Keywords: prison, prison abolitionism, theatre, visionary fiction.

Resumen

Este trabajo investiga las intersecciones entre teatro y cárcel, y busca encontrar medios, a partir del análisis de cuatro diferentes dramaturgias brasileñas, para fisurar los muros del régimen penitenciario mediante el arte. También propone el uso del teatro como práctica liberadora a partir de la ficción visionaria de Walidah Imarisha. Con base en un análisis bibliográfico, se analiza el uso de la palabra como arma potente que rompe el sistema de (in)justicia y encuentra nuevas posibilidades de mundos.

Palabras clave: abolicionismo carcelario, prisión, ficción visionaria, teatro.

Entre muros

O sistema carcerário apresenta um crescimento constante em números e cada vez mais se prova como um sistema que opera em função da manutenção e perpetuação das elites muito mais do que pela suposta reeducação dos indivíduos, a que se propõe. Segundo levantamento publicado pelo site oficial do governo (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2025), o Brasil soma, em 2025, mais de 850 mil pessoas presas e ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de população carcerária. Deitar os olhos sobre esses dados é, também, compreender a história de um país que foi invadido, castrado, explorado e escravizado. Não à toa, corpos negros somam 70% da população carcerária. Para a filósofa e ativista Juliana Borges (2019, p. 15):

O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassados por essa estrutura de opressão, mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização racial.

Tendo isso em vista, é perceptível que o recorte do sistema prisional se faz bastante intencional e seletivo, operando como mecanismo regulador da sociedade e funcionando como um pilar que sustenta um modelo social que opera via exclusão. O sistema penitenciário brasileiro se mostra, então, um resquício do longo período de escravidão que se alastrou pelo país desde sua invasão e que persiste, mesmo por trás das tentativas do governo, da mídia e das elites de mascarar sua operação.

Em uma sociedade que utiliza o silêncio, o silenciamento e a desinformação como forma de poder, torna-se essencial não só compreender a base que sustenta as prisões, mas também questionar sua (in)eficiência e suas consequências não só na esfera social, mas no que diz respeito ao bem-estar e respeito aos direitos humanos das pessoas encarceradas – se é que podemos associar direitos humanos e cárcere em uma mesma frase. Em texto publicado pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, é citado o registro de 3.091 mortes dentro das prisões, sendo 46,8% relacionados a problemas de saúde, somando um total de 703 homicídios.

Entre muros e atos

Além disso, mais de 120 mil denúncias de tortura e maus-tratos foram feitas desde a implementação das audiências de custódia em 2015. Entre 2020 e 2024, a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos registrou 14.731 denúncias, totalizando 55.668 violações de direitos, das quais 80% ocorreram dentro dos presídios (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2025).

É importante atentar-se também às questões de gênero que permeiam o sistema carcerário. São mais de 40 mil mulheres encarceradas. Segundo matéria publicada pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública em 2023, 54% das mulheres são presas por envolvimento com drogas, sendo 164 delas gestantes e 93 lactantes. Na mesma pesquisa, aponta-se a presença de 606 crianças vivendo no sistema carcerário em razão do aprisionamento de suas mães.

Ao pesquisar sobre a população LGBTQIAPN+, torna-se muito difícil obter dados. Uma divulgação da Secretaria Nacional de Políticas Penais (2020) aponta que 10.457 presos se autodeclaravam LGBTQIAPN+, sendo 248 mulheres trans. Dados também apontam que mais de 30% da população carcerária aguarda julgamento. Esses dados são alarmantes e escancaram não só a ineficiência das prisões como medida de reeducação, mas o des-caso e a violência do Estado com as pessoas encarceradas.

Em um ambiente tão precário e violento, a vida se torna moeda de troca e a existência se faz uma consequência de não estar morto. Mas, ainda assim, a imaginação se faz um cacto no deserto que floresce; apesar do tempo, apesar da seca. A imaginação, a arte, a literatura e tantas outras formas do *imaginar* seguem vivas, mesmo rodeadas de ervas daninhas.

Entre fugas

Ao passo que crescem as prisões, é preciso encontrar pontos de fuga. Traçamos esse paralelo por meio do teatro, pensando a arte enquanto prática que descontinua o modo automatizado de existência, que busca o questionamento do que não pôde, até então, ser questionado e que pode promover, mesmo que em ficção, certa medida de esperança no futuro. Pensar a arte enquanto meio que descontinua práticas centradas de violência e opressão é apoiar-se, de alguma forma, na possibilidade de mudança; na busca de outros

modelos e sistemas de justiça que sejam, de fato, justos. Consideramos aqui a necessidade de pensar o futuro da justiça para além da igualdade, como proposto por Walidah Imarisha (2016), pensar sistemas de libertação. Afinal, qual o propósito de buscar inserir as pessoas excluídas, as ditas minorias sociais, em um sistema quebrado, (ultra)passado e ineficiente se são elas as verdadeiras lentes para mirar o futuro?

Segundo Imarisha (2016, p. 6), “a ficção científica é o único gênero literário que nos permite questionar, problematizar, e re-conceber tudo de uma só vez”. Suas palavras são de extrema importância ao levar em consideração um sistema que não abre espaço para o questionamento e para a problematização. Cada vez mais vemos as políticas totalitárias ganhando força ao redor do mundo enquanto os governos e grandes empresários fazem o possível para calar, encobrir e castrar os movimentos populares que se levantam. Com tantas tragédias, guerras e a aparição de novas potências ultraconservadoras que insistem em atacar os direitos humanos e perpetuar a precariedade das formas de existência, é comum que esqueçamos da importância de vislumbrar futuros. Contudo, em meio a ondas de conservadorismo e silenciamento, é essencial que encontremos formas de nadar contra a maré.

Para Walidah, o conceito de ficção visionária vai além de pensar o futuro. A autora nos lembra que o futuro é ancestral, e que agarrar as raízes e a radicalidade de todas que vieram antes de nós é um passo fundamental na busca pela liberdade, que é, também, ancestral. Ao falar de abolicionismo prisional e a busca pela libertação, Walidah (2016, p. 8) diz:

eu carrego orgulhosamente o título de “abolicionista prisional”; isso me liga às visionárias libertadoras que aboliram a escravidão. Isso conecta meus sonhos de libertação com os dos meus ancestrais e acende toda a nossa responsabilidade e direito a sonhar novos futuros assim como elas fizeram.

Pensar nisso nos faz lembrar que é por meio da imaginação e da possibilidade de ficcionar que se constroem as lutas pelos direitos. É lembrar que a busca pelos direitos das mulheres, das pessoas negras, indígenas e das pessoas LGBTQIAPN+ um dia também foi sonho. E que, ainda que nossa

Entre muros e atos

caminhada seja quase sempre subestimada, lida como ficção científica, ela avança. Além disso, recordar o passado não é conformar-se com o presente, mas encontrar certa esperança para que se possa, de uma maneira mais confiante, continuar a planejar o futuro.

Entre palavras

À contramão do mundo está o teatro. Enquanto erguem-se prisões, violentam existências, aprisionam e dilaceram corpos todos os dias, o teatro segue sua potência vital de transformação ininterrupta. O teatro emerge, em um momento de busca pela transformação social, como um importante movimento de libertação do imaginário. Seja por meio da prática pedagógica, da construção coletiva ou da dramaturgia, o teatro possibilita a oportunidade de vivência de uma outra realidade, mesmo que por uma fração de tempo, que pode ser tomada como prática viva da ficção visionária.

Ao longo da pesquisa no teatro e nas artes, é possível deparar-se muitas e tantas vezes com a importância da palavra. É bastante curioso que a palavra seja, em nossa sociedade, o que dita a verdade e a mentira, o bom e o ruim, o certo e o errado. É a palavra que determina a lei, que é dita pelos poucos que decidem a vida de muitos. É com uma só palavra que pode-se anular anos de busca por direitos. Por outro lado, também é a palavra a chave que destranca os cadeados das celas; é a palavra que desata os nós embrenhados pelo tempo.

A partir do entendimento do uso da palavra enquanto potência, é possível interessar-se cada vez mais pela escrita dramática. Nesse caminho, chamamos atenção para a peça *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser para todas*. A dramaturgia se encontra no livro *Anjos de Cara Suja*, produzido e publicado pela CiA dXs TeRrOrIsTaS, que conta com a tradução da obra *Angels With Dirty Face: three stories about Crime, Prison and Redemption*, de Walidah Imarisha. A dramaturgia citada se trata de um projeto colaborativo, escrito por Ligia Souza e encenado por quatro atrizes: Carla Mendes, Ema Alves, Mônica Macedo, Natasha Alves, Nduduzo Siba e Savannah Conceição. Ao longo do texto, algumas das atrizes contam suas histórias de vida e relatam

sua vivência como pessoas trans, travestis e negras, sobreviventes do cárcere. Na cena 10, o seguinte diálogo:

SAVANNAH: [...] Mas eu tô cansada de retroceder, eu quero seguir em frente. Eu nunca mais vou voltar praquela lugar! (pausa) Gente, desculpa... Para! Acende a luz...

DIRETOR: O que tá acontecendo, Savannah?

SAVANNAH: Eu não tô conseguindo falar essa frase... Ela não cabe na minha boca!

DIRETOR: Como assim?

SAVANNAH: Eu não consigo dizer que eu não vou voltar pra prisão.

DIRETOR: Por quê?

SAVANNAH: Porque eu carrego um alvo nas costas! Eu sou travesti e sou preta. Qualquer um que esteja na minha pele sabe que o meu país me quer presa ou morta! E por isso é difícil pra mim dizer essa frase (Souza, 2022, p. 477-478).

O trecho mostra a dificuldade da atriz em dizer palavras de libertação. É como se, ao ser dita, a constatação se tornasse muito mais real e concreta. A partir disso, é possível perceber que o teatro, a partir de uma dramaturgia construída coletivamente e com engajamento social, se torna o espaço que potencializa a palavra, que faz dela uma verdade irrefutável, sem espaço para o retrocesso. A continuação do diálogo revela o papel do teatro enquanto espaço que acolhe e permite sentir a liberdade:

DIRETOR: O que você prefere fazer, Savannah?

SAVANNAH: Eu não tenho escolha, eu preciso continuar: existindo e resistindo!

TODAS: Mas você não está sozinha, Savannah... Estamos aqui!

SAVANNAH: Sim, talvez seja aqui neste teatro que sinto algum tipo de liberdade, quando conto a minha história... [...], e sabendo que eu não estou na rua, eu ache que eu não vou morrer (Souza, 2022, p. 478).

Na sequência, faremos a análise de algumas outras dramaturgias que circundam a temática do cárcere para melhor compreender os desdobramentos do teatro e da linguagem enquanto prática que busca fissurar o cárcere.

Entre atos

Ao analisar algumas dramaturgias carcerárias brasileiras, nota-se que a maior parte das obras tidas como clássicas ainda parte da perspectiva de quem não vivenciou diretamente a experiência do cárcere. Dito isso, é visível a utilização de estereótipos e generalizações, ignorando ou simplificando as questões de gênero que atravessam os corpos e as subjetividades encarceradas. Para Caroline Vetori (2023, p. 56),

Mapear dramaturgias produzidas em solo brasileiro corrobora para antever como tais problemáticas estão sendo artisticamente abordadas, quais são os aspectos focalizados, como se dá a construção narrativa e estética.

Um exemplo significativo sobre dramaturgias ditas como clássicas dessa temática, é a peça *Barrela*, escrita em 1958 por Plínio Marcos, na qual encontramos retratos cruelmente simbólicos no sistema prisional. O feminino é constantemente dito e evocado para inferiorizar, vulnerabilizar e deixar submissa toda e qualquer experiência dita como não masculina, como é evidente no trecho que segue:

FUMAÇA – Puta merda, a cadeia inteira já está sabendo.

PORTUGA – Claro. Tinha uma pilha de gente escutando.

BAHIA – A menininha com um nome do cacete e escondendo o leite pros amigos, papelão.

FUMAÇA – Que boneca escamosa é essa!

TIRICA – Boneca é a xota da mãe.

BAHIA – Ai! Ai! Em vez de ficar cheio de bronca, devia servir os teus cupinchas daqui.

PORTUGA – Pois é. Com um veadinho aí mesmo e nós aqui no ora-veja (Marcos, 2016, p. 60).

O feminino é colocado em um lugar de fragilidade e desprezo, escancarando o uso da linguagem como instrumento de reprodução da violência de gênero no espaço carcerário, mesmo que em um cenário masculinizado. A contrapor, Plínio Marcos também evoca o sistema prisional feminino, em sua peça *A Mancha Roxa*, na qual o tema central é a aids e seus estigmas.

Ambientada em uma cela onde seis mulheres convivem, a peça revela como o preconceito e a moralidade religiosa são disseminados em discursos até entre as próprias encarceradas. A personagem Santa, representada pela voz punitivista e moralizadora dentro da cela, evidencia a violência simbólica sofrida por mulheres soropositivas, LGBTQIAPN+ e dissidentes:

SANTA — [...]. Essa doença é coisa do diabo. Dá em gente depravada. Gente imunda. Elas vão morrer todas com essa roxa. Vão morrer podres. Vão apodrecendo aos poucos [...]. Elas debocham da Bíblia. De Deus. Elas têm os corações duros. Não se arrependem dos crimes que praticaram. Muito pelo contrário. Uma fica aí contando seus crimes, como se fosse uma coisa de que deveriam se orgulhar. Quando transam droga, se empolgam contando que mataram. E o sexo? É a degeneração total. Uma faz papel de homem da outra. Blasfêmia!

Num antro de pecado não se pode nascer a virtude. No vício em que elas vivem, nasceu a roxa. Mas eu rezo. Leio a Bíblia. O senhor pastor me disse que se eu, no fundo do coração, me arrepender do crime que pratiquei, serei perdoada. Eu me arrependo. Matei meu marido. Ele dormia... [...]. Me confesso com o padre. Comungo. Rezo. O padre diz que quem se arrepende... não vai pro inferno... Aqui é o purgatório. Não nego. Matei meu marido [...]. O senhor espírita falou que eu vou encarnar de novo com ele. Como mãe, filha, esposa... na mesma família. Pra ele me perdoar. Eu creio em Deus Pai. Creio em tudo que é sagrado [...]. Eu sou advogada, por isso estou nesta cela especial. Mas não posso ficar mais aqui com essas mulheres imundas. Elas são depravadas. Sujas (Marcos, 2016, p. 164-165).

Ainda que revelem os traços de opressão dentro desses ambientes, as narrativas presentes muitas vezes distorcem outras narrativas sobre corpos que ali habitam. Embora não apresentem uma transformação eficaz na forma de enxergar ou repensar o sistema prisional, tais obras cumprem o papel nessa denúncia, mesmo que de maneira limitada, oferecendo ferramentas que posteriormente servirão de base para que criações contemporâneas possam emergir com novos olhares; estes de dentro para fora, com escuta, vivência e transgressão.

É neste novo cenário que o teatro também pode ser uma ferramenta de ruptura desses espaços, com vozes que são diretamente impactadas pelo cárcere. No contemporâneo, vemos dramaturgias com uma nova abordagem sobre

Entre muros e atos

esse universo. A dramaturgia *Parto Pavilhão*, assinada por Jhonny Salaberg, de 2021, escancara a solidão, ausência de afeto, abandono, o silêncio e a invisibilidade que ultrapassa a punição legal. “[...] Tento me lembrar das coisas que me fazem feliz, como os telefonemas de 15 minutos que faço pros meus filhos toda semana. Eu vi meus filhos crescerem pelo telefone. Vi, não, ouvi. Das existências, agora conheço somente a voz” (Salaberg, 2021, p. 42). Esse retrato da experiência de mulheres encarceradas, dialoga diretamente com os apontamentos que evidenciam o abismo afetivo estrutural enfrentado por elas.

Na cadeia masculina há uma fila enorme de mulheres, mães, esposas, companheiras que continuam presente na vida de seus afetos [...] Na feminina, normalmente as mulheres são abandonadas pelos seus pais e companheiros depois que são presas (Imarisha; Souza, 2023 *apud* Gaulês; Prette, 2023, p. 227).

Tendo isso em vista, percebe-se que *Parto pavilhão* rompe com o estigma da mulher criminosa, relatando as dores dessas pessoas encarceradas, visto que a privação de afeto, de sensibilidade, é muito mais punitiva e cruel que o próprio aprisionamento físico.

Além disso, para muitas pessoas, atividades culturais e artísticas dentro do sistema prisional servem como uma tentativa de reencontrar um afeto que foi perdido. “Para muitas dessas mulheres, atividades realizadas dentro do complexo prisional funcionam como um remendo no buraco das ausências para as que não recebem visitas” (Gaulês; Prette, 2023, p. 227).

Mesmo com a falta de direitos básicos, transborda o desejo de falar. E é por meio do teatro que pessoas também encontram lugares para existir. Nesse espaço, a ficção não é só uma fuga da realidade, mas uma forma de (re)imaginá-la. É do que é real demais, são vozes que falam de si.

Entre frestas

Tendo em vista o crescimento da população carcerária e a caminhada contínua em direção ao fortalecimento do punitivismo, é urgente pensar a possibilidade de novas práticas, contrárias a esse movimento; práticas essas que tenham a libertação como principal foco.

Ao longo deste artigo, buscamos possibilitar às pessoas leitoras a análise e interpretação de algumas dramaturgias que circundam a temática do cárcere. Essa proposta evidencia que o teatro pode, sim, contribuir para a fissura simbólica do cárcere, sobretudo com vivências reais, coletivas e ativas. Dentre elas, algumas ecoam por fora, projetadas em superfície por olhares que, embora atentos, são distantes. Outras emergem de dentro, vívidas, com densidade, carregando concretude na matéria e experiência, atravessando os muros com corpo, voz e palavra.

Dentro dessas camadas, compreendemos como a palavra está nessas frestas do sistema prisional, gerando abalos de linguagem no teatro e na própria justiça. É nesse **entre** que as palavras criam brechas para imaginar outros mundos possíveis de existir. Porém, é preciso lembrar: essas vozes e vivências já existem. No mesmo mundo que julga, silencia e mata. Estão vivas, escritas, encenadas para muito além. Ou seja, não se trata de conceder espaço ou voz, mas de reconhecer que essas existências são inegociáveis e exigem escuta.

Repensar os mecanismos de (in)justiça é urgente, e que o teatro, enquanto linguagem criativa e coletiva, siga sendo um espaço de resistência, ruptura e presença para corpos que, mesmo encarcerados, insistem em existir. Que a ficção visionária e a criação de novas possibilidades sejam a continuação de um passado que escreve, inscreve e reescreve a história para além da cronologia do tempo. Que os cadeados se rompam, as grades cedam, os muros caiam. Que as imaginações voem alto.

Bibliografia

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

GAULÊS, Murilo Moraes; PRETTE, Nailanita. Teatro, prisão e a busca por novos imaginários possíveis: a extensão universitária e o abolicionismo penal no ensino de artes cênicas. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 15, n. 33, p. 210-232, 2025.

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o Futuro**: usando ficção científica para rever a justiça. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

Entre muros e atos

MARCOS, Plínio. **Obras teatrais**: atrás desses muros. Rio de Janeiro: Funarte, 2016.

(Obras teatrais, v. 1)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. Senad discute situação de mulheres encarceradas no contexto de drogas no Brasil. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**, Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/senad-discute-situacao-de-mulheres-encarceradas-no-contexto-de-drogas-no-brasil> . Acesso em: 16 jul. 2025.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. Observatório Nacional dos Direitos Humanos disponibiliza dados sobre o sistema prisional brasileiro. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**, Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/observatorio-nacional-dos-direitos-humanos-disponibiliza-dados-sobre-o-sistema-prisional-brasileiro>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SALABERG, Jhonny. **Parto pavilhão**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PENAIIS. Mais de 10 mil presos se auto-declararam LGBTI no Brasil. **Secretaria Nacional de Políticas Penais**, Brasília, DF, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/assuntos/noticias/mais-de-10-mil-presas-se-autodeclararam-lgbti-no-brasil>. Acesso em 15 jul. 2025.

SOUZA, Ligia. Anjos de Cara Suja: o sol é, ou deveria ser, para todas. In: GAULÊS, Murilo (org.). **Anjos de Cara Suja**: três histórias de crime, prisão e redenção - o sol é, ou deveria ser, para todas. São Paulo: La Lettre, 2022. p. 432-493.

VETORI, Caroline. **Caros destinatários, porem de apagar nossas histórias**: cartilhas-faíscas como possibilidades de saídas do cárcere. 2023. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.